

A(S) CIDADE(S) NA LITERATURA BRASILEIRA

A pandemia da covid-19 ressaltou problemas sociais que dificultam, sobretudo para a população mais pobre, a vida nas cidades brasileiras. Realçou que estas foram e são produzidas segundo concepções e práticas hierarquizadas e segregadoras, hostis a grupos humanos – e não humanos – mais vulneráveis. Salientou a necessidade e a urgência de nossas cidades serem repensadas e reconstruídas. “A formação do Brasil urbano se deu a partir da exclusão da população pobre, grande parte dela integrada por negros”, assinala o urbanista e professor Roberto Andrés, no artigo “A dupla exclusão” (*revista piauí*, edição 165, junho 2020).

A literatura brasileira, em suas diversas manifestações, tem interpelado e reinventado a (de)formação da(s) cidade(s), como registram Flora Sussekind, Sandra Regina Goulart Almeida, Renato Cordeiro Gomes, Karl Erik Schøllhammer e outras(os) pesquisadoras(es). A relação entre literatura e espaço(s) urbano(s) vem sendo

estudada a partir de várias propostas teóricas e críticas. Uma das vertentes mais comuns é a que se dedica ao tema da representação do espaço urbano no texto literário. Nesse tipo de abordagem, é frequente que a cidade e, mais amplamente, o espaço sejam entendidos como demarcações extratextuais transportadas, de algum modo, para o material escrito, como observa o professor Luis Alberto Brandão no livro *Teorias do espaço literário*. Por outro lado, a perspectiva representacional é problematizada por enfoques voltados para maneiras pelas quais a criação literária pode explorar, desestabilizar, transgredir, propor, compor “cidade” – termo este que pode ganhar sentidos inusuais. Tais enfoques podem se basear em autores e obras não necessariamente vinculados aos estudos literários.

Em certa obra literária, quais elementos permitem reconhecer determinada cidade “real” ou, ao contrário,

tensionam ou rejeitam alguma “reconhecibilidade”? Em certo texto, está em jogo a própria noção do que seja a/ uma cidade? Ao explorar a cidade, como a escrita também se explora a si mesma, suas próprias convenções e potencialidades? No Dossiê deste número, a *Em Tese* publica trabalhos que examinam essas e outras questões relacionadas a maneiras como cidades e a cidade foram e são configuradas na literatura brasileira. Entre outros problemas, sobressai especialmente o da violência urbana, indagado a partir de diferentes preocupações críticas e teóricas, como elemento estético e sócio-histórico, como realidade que várias obras literárias recriam e, assim, estimulam que seja criticada, repensada, combatida com novas armas.

O Dossiê abre-se com o artigo “Ralfo cavaleiro urbano”, no qual Daiane Carneiro Pimentel analisa o modo como as cidades são exploradas na obra *Confissões de*

Ralfo: uma autobiografia imaginária, de Sérgio Sant’Anna. Ao tomar como instrumental teórico as considerações de Michel Foucault sobre o caráter heterotópico da literatura, a pesquisadora avalia que o romance estudado tematiza de forma crítica a modernização das grandes cidades na época da ditadura militar brasileira, ao mesmo tempo que ele incorpora à sua própria textualidade a fragmentação percebida no espaço urbano caótico.

No artigo seguinte, “A cidade por inventar e a comunidade possível na literatura de Lourenço Mutarelli: Uma visada nos espaços de suspensão sugeridos em *O cheiro do ralo* e *A arte de produzir efeito sem causa*”, Bianca Magela Melo também problematiza abordagens tradicionais da representação do espaço em textos literários. A autora propõe que as duas obras referidas, ao configurarem uma espécie de literatura desterritorializada – que mistura e explora gêneros expressivos –, (re)articulam o

espaço urbano segundo certa concepção de comunidade, a qual se define pela exposição do indivíduo à alteridade, ao estranho, a um “em comum” não contratual, atravessado pelo incerto, pelo inapreensível. Tal ideia de comunidade é examinada, ainda, a partir de proposições de Roberto Esposito e Jean-Luc Nancy. Posteriormente, o trabalho “O realismo grotesco de Lourenço Mutarelli” também observa maneiras pelas quais o escritor afasta-se de alguns modelos realistas. Segundo o pesquisador Mathews Victor Silva, Mutarelli, nos romances *O cheiro do ralo* e *Miguel e os demônios*, minimiza procedimentos que, tradicionalmente, articulam a verossimilhança – embora alcance certos efeitos de realidade – e usa o grotesco para criticar e subverter a sociedade contemporânea.

A temática da violência urbana volta a ser focalizada no artigo “A passos curtos: a criança pedestre e o Rio de Janeiro em *Dois amores*, de Paulo Lins”, agora em relação

ao modo como ela e a cidade do Rio de Janeiro são observadas e recriadas sob a perspectiva de dois personagens infantis. Com base na noção de “dialética da marginalidade” proposta por João César de Castro Rocha, Juliana Santini pretende caracterizar a maneira como a capital carioca, em suas práticas sociais e violências – nas quais se realçam questões de raça e classe social –, é representada no deslocamento “marginal” dos personagens por ruas. Em tal representação, segundo Santini, a narrativa divide-se em duas camadas, com uma história sendo contada sob outra, e faz elementos característicos da forma moderna do conto combinarem-se com uma linguagem poética de cunho oral.

Já em “Cidade não-global e a busca de um lugar: relocalizações em narrativas de Adriana Lisboa”, a violência urbana é tematizada como um dos elementos dos quais personagens buscam afastar-se, inclusive

geograficamente, em romances da referida escritora. O crítico Vander Vieira Resende observa que tais obras figuram, sobretudo, cidades não-globais como destinos preferenciais de personagens emigrantes. Estes buscam realocar-se em cidades de menor porte, frequentemente percebidas como espaços de hospitalidade e solidariedade, embora, ressalta Resende, tal busca seja permeada por dificuldades e, podemos dizer, violências várias constituintes do processo de integração e adaptação cultural.

Ainda no Dossiê, dois artigos voltam-se para publicações de José J. Veiga. Em “Veiga: alegorias da urbanização e industrialização do Brasil Central”, João Pedro de Carvalho propõe que o escritor empregue o discurso alegórico para contrapor-se a certos elementos, autoritários e violentos, do processo histórico de alteração e destruição

– “modernização” – ao qual foram submetidos modos de vida sertanejos e o espaço interiorano no Brasil do século XX. Já em “A noite chegava cedo em Manarairema’ – o espaço semiurbano em *A hora dos ruminantes*, da literatura ao cinema”, Marcelo Cordeiro de Mello estuda as maneiras como a cidade ficcional de Manarairema é representada na obra citada no título, escrita por Veiga, e no homônimo projeto cinematográfico não filmado, adaptado da obra por Luiz Sergio Person e Jean-Claude Bernardet. Mello considera tal representação a partir de distintas questões: por um lado, recorre à noção de “colonialismo interno” para perceber em Manarairema uma espécie de “fascismo interiorano”; por outro, debruça-se sobre problemas concernentes, especificamente, ao projeto de Person e Bernardet e à maneira como tal empresa relaciona-se, em alguma medida conflituosamente, com traços predominantes do Cinema Novo.

O Dossiê encerra-se com o trabalho “A cidade nos contos de Machado de Assis”, em que Paulo Moreira analisa o conto “Pai contra mãe” com a finalidade de propor uma forma de se lerem os contos do escritor a partir de referências que estes apresentam e que articulam um complexo universo literário e sócio-histórico. Moreira defende que “Pai contra mãe”, a exemplo de outros contos do autor, recupera e possibilita que sejam recuperados discursos e práticas (pretensamente) “enterrados” em um passado traumático. O crítico observa, ainda, que esse texto forma uma constelação com outros escritos de Machado de Assis que referenciam os mesmos espaços urbanos.

Na seção Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias, contamos com a contribuição de Marcelo Rocha Brugger, “Fedro sem esperança: leitura das fábulas III,

XVIII e V, VI”. A partir de um brevíssimo resumo da condição social e política do autor em seu tempo, o artigo busca mostrar, com especial atenção às fábulas III, XVIII (*Pauo ad Iunonem de voce sua*) V e VI (*Calvi et quidam pilis defectus*), que Fedro representou negativamente a esperança (*spes*) em sua obra. Já Rafael Humberto Silveira apresenta “A finitude a seu tempo: Representações da morte e sua temporalidade em *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* de Rainer Maria Rilke”. Abordando as representações da morte no romance, assim como a associação dessa temática às questões da pressão temporal social e da falta de autonomia individual retratadas na Paris do início do século XX, o artigo sugere que essa obra pode ser lida como uma crítica contundente a aspectos cruéis e contraditórios da Modernidade. Na mesma seção, contamos com a contribuição de Alice Carvalho Diniz Leite, “Os arquivos, as coleções e as listas do espetáculo teatral

Nastácia”. Tomando uma postura anarquivista – ancorada nas reflexões que Michel Foucault desenvolve em *A arqueologia do Saber* e naquelas edificadas por Jacques Derrida em *Mal de Arquivo* –, a estudiosa reúne um vasto inventário de conceitos e autores para, a partir deles, construir um arquivo possível para o espetáculo teatral *Nastácia*, dirigido por Miwa Yanagizawa. No artigo “A suspensão do mundo pela linguagem: *A primavera da pontuação*, de Vítor Ramil”, João Batista Pereira se debruça sobre a comicidade do grotesco. Articulando as elaborações de Victor Hugo, Mikhail Bakhtin, Wolfgang Kayser e Hugo Friedrich acerca das origens históricas, literárias e estéticas do gênero, o autor edifica uma reflexão sobre a potência crítica do nonsense – modalidade de riso que, segundo sua proposta, demarca o grotesco no romance de Ramil. Em sequência, Ian Anderson Maximiano Costa propõe as reflexões intituladas “Poética das

sobrevivências: a écfrase na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen”. Objetivando discutir as relações entre imagem e escrita a partir dos poemas efrásticos da poeta portuguesa, essa contribuição se debruça sobre as relações estabelecidas por sua escrita com a estatuária grega e analisa alguns desses poemas à luz de sua projeção imagética. Encerrando a seção, em “Lima Barreto por uma República das Letras mais plural”, Danillo de Matos Santos Costa mobiliza o conceito de “literatura menor” para entender o engajamento político do autor carioca e discutir a produção literária negra no Brasil.

Na seção Em Tese, apresentamos o texto “O dom de ter o que não se tem: uma análise de Felicidade Clandestina”, desenvolvido por Carolina Antonaci Gama como parte de seu doutorado realizado no Canadá, na Universidade de Montreal. Escrito em tonalidade ensaística, o artigo

estabelece diálogos entre o conto de Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina”, e conceitos desdobrados na obra *Donner le temps*, de Jacques Derrida, além de incluir leituras de Hélène Cixous, publicadas no volume *L’heure de Clarice Lispector*, sobre a literatura e o conto de Lispector. Já o artigo “Melusina e ‘Bela das brancas mãos’: um diálogo intertextual”, escrito por Márcia Maria de Melo Araújo e Thiago Coelho Vale, reflete sobre os diálogos entre o conto “Bela das brancas mãos”, de Marina Colasanti (2008), e a lenda de Melusina. Nesta abordagem comparatista e intertextual, os autores buscam examinar os pronunciamentos textuais acerca da mulher nos períodos medieval e contemporâneo, levando em conta as relações dialógicas entre literatura, história e imaginário. Trazemos, ainda, o texto “A presença da literatura estadunidense no poema *o Guesa*, de Sousândrade”, elaborado por Alessandra da Silva Carneiro ao longo de sua tese

de doutorado concretizada na Universidade de São Paulo. Nos Cantos II e X de *O Guesa*, enfocados pela autora, são observadas relações entre os versos de Sousândrade e obras da literatura norte-americana, como as do poeta estadunidense Henry Wadsworth Longfellow. A seção inclui, também, o artigo “A metaficção historiográfica como artifício literário em *Reparação*, de Ian McEwan”, no qual Betyssa Starling analisa o modo como McEwan, no referido romance, usa a metaficção historiográfica para tornar verossímil a narrativa, além de a autora indagar a maneira como McEwan faz interagirem os discursos ficcional e historiográfico.

A seção Entrevistas conversa com um pesquisador e uma pesquisadora que se têm destacado no campo dos estudos literários brasileiros voltados ao tema da(s) cidade(s). Professora titular de literatura brasileira da Universidade

de Brasília, Regina Dalcastagnè reexamina, sob várias questões inter-relacionadas, um assunto frequente em sua produção acadêmica: a demanda pela democratização do campo literário, especialmente do acesso aos meios de produção e circulação dos textos. Dalcastagnè salienta mudanças no campo citado, associadas, sobretudo, à proliferação de pequenas editoras e de outros espaços de publicação, e à criação de organizações compostas de autores e autoras excluídos dos estratos socialmente privilegiados. A professora discute, também, problemas teóricos relativos ao conceito de “espaço” e aos modos como este pode ser usado na crítica literária e é empregado, particularmente, em sua própria atividade crítica.

Já o professor Robert Moses Pechman, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, comenta o fato de

sua produção acadêmica exercitar algumas escritas incomuns na atividade universitária. Reflete, também, sobre o conceito de “representação”, a relação entre criação literária e realidade e sobre as funções éticas e políticas que a literatura pode exercer quanto à vida nas cidades, especialmente para se construir uma espacialidade de convívio e acolhimento das diferenças. Ademais, tanto Dalcastagnè quanto Pechman falam dos descaminhos político-institucionais do Brasil atual e acerca do que se pode ou deve esperar, no (fantasmático) mundo pós-pandêmico, da sociedade brasileira e do cenário global.

Na seção Resenha, Pedro Lucas de Lima Freire Bezerra, em “Um regionalismo de memória: sobre *Apátridas*, de Alejandro Chacoff”, constitui uma reflexão sobre esse romance memorialista no qual circula um imaginário regionalista, atravessado por recordações de um universo

decadente entre a crise monetária e uma espécie de neo-coronelismo. Também contribuíram com a seção as autoras Elys Regina Zils, que trata do livro *El marxismo gótico de Xavier Abril: el proceso disolvente y germinal en El autómeta*, escrito pelo pesquisador peruano Christian Elguera, e Nathalia de Aguiar Ferreira Campos, cujo texto intitula-se “Do jeito, simples, como experimento contar’: resenha de *Pré-história* (2020), de Paloma Vidal”.

Já as Poéticas têm a participação de escritores e escritoras que foram convidados a dialogarem com o tema do presente número da *Em Tese*, “A(s) cidade(s) na literatura brasileira”. Buscamos apresentar uma multiplicidade de modos de entender e compor a(s) cidade(s) e a presença desta(s) na literatura. Em uma heterogeneidade de gêneros – ou de escritas que parecem não caber em nenhum –, de recortes temáticos e de propostas estéticas, reunimos

textos, alguns dos quais inéditos, de Ana Elisa Ribeiro, Cidinha da Silva, Cuti, Eliana Alves Cruz, Fernando Bonassi, Jeferson Tenório, Luis Alberto Brandão, Rafael Fava Belúzio (que contou com as colaborações de Camila Monteiro de Lima, Gilmar Soares, Paulo Bevilacqua, Thiago Assis Felisberto Petronilho e Otávio Ferreira) e Richard Plácido.

*

Alice Carvalho Diniz Leite
Camila Carvalho
Clarissa Xavier
Harion Custódio
João Pedro de Carvalho
Otávio Moraes
Rafael Silva
Tiago de Holanda Padilha Vieira